

“A Importância das Feiras de Agricultura Familiar no Vale do Jequitinhonha para as Comunidades do Município de Araçuaí, no Nordeste Mineiro”

Vitória Rocha Carmona (UFMG)

Palavras-chave: Agricultura; Araçuaí; Feira.

Como um tópico pertinente em minhas pesquisas e interesses, considero a alimentação uma das principais formas pelas quais os indivíduos se tornam capazes de construir sua identidade e se relacionarem com o mundo ao seu redor. A comida se caracteriza não apenas como uma necessidade física, mas também um importante elemento cultural, social e político que influencia nossos hábitos, crenças e valores. Dessa forma, a fim de construir um cenário em que as pessoas possam visualizar a minha proposta enquanto pesquisadora de culturas alimentares e seus processos, penso ser necessário trazer uma introdução do contexto que a alimentação enquanto pesquisa foi inserida em minha trajetória, enquanto pessoa mineira do nordeste de Minas Gerais, natural de Araçuaí-MG, cidade do Vale do Jequitinhonha.

Desde muito cedo, nem lembro em que idade ao certo, talvez aos meus três ou quatro anos de idade, acompanhava minha avó materna, Carlota, nas compras de sábado no Mercado Municipal de Araçuaí, lembro que foi naquele espaço que aprendi fazer cálculos matemáticos e muito provavelmente, desenvolvi também muitas habilidades sociais, em razão das trocas culturais que presenciei ali. A Feira de Araçuaí apresenta diversas características e tradições que a tornam um espaço único e significativo para a comunidade local. A feira ocupa o espaço do atual Mercado Municipal e seu entorno, sendo inaugurada em 1960. Sua localização na parte alta da cidade, próxima à Igreja Matriz de Santo Antônio, a torna um marco importante no desenvolvimento e ocupação da região. A feira também ocupava as ruas ao redor da edificação, refletindo sua integração com o ambiente urbano. Nesse espaço a feira promove relações de trocas não apenas de produtos, mas também de experiências, histórias e sentimentos entre os comerciantes, frequentadores e visitantes. O Mercado Municipal e a Feira de Agricultura Familiar desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural do município de Araçuaí, em Minas Gerais. Este espaço é mais do que um local de comércio, é um ponto de encontro e trocas materiais e imateriais, bem como saberes, práticas e valores, entre os habitantes locais, comerciantes e visitantes. A feira não apenas representa uma tradição enraizada na história da cidade, mas também é um símbolo de

solidariedade, união e pertencimento para a comunidade. A variedade de produtos e formas de exposição reflete a diversidade e a autenticidade da feira. Além do comércio, a feira é um espaço para encontros sociais e trocas de informações. Os feirantes e frequentadores aproveitam o ambiente para colocar a conversa em dia, compartilhar experiências e estabelecer laços de amizade e colaboração. Não há competição entre os feirantes, e a ajuda mútua é uma prática comum. Ao longo dos anos, a Feira de Araçuaí tem sido um espaço onde gerações, como a minha, a da minha vó e a de tantas outras pessoas que se encontram ali, mantêm viva a memória da origem da cidade, que remonta ao comércio de canoas no Rio Jequitinhonha.

Enquanto filha de uma professora de Geografia, seria até negligente da minha parte se não trouxesse um pouco sobre a memória e a terra desse espaço cultural e político que compõem Araçuaí. A posição geográfica ocupada pela vila de Arassuahy, (de 1871 em diante, apenas Araçuaí) na segunda metade do século XIX tornou possível, neste momento, condições propícias para se tornar a cidade de referência no Vale do Jequitinhonha enquanto porto fluvial, uma vez que por aí passavam, desde o século XVII, canoas com produtos que desciam e subiam o rio. Nunes (2001) afirma também que comparada a Diamantina, Araçuaí apresentava solo mais adaptado à prática da agricultura.

“Por isso, Araçuaí reunia melhores condições para se tornar a cidade pólo do Vale do Jequitinhonha, não apenas por ocupar posição mais central, mas por apresentar melhores possibilidades de conexões com outras sub-regiões, por meio de sua rede hidrográfica favorável, que permitia a bimodalidade entre os transportes fluvial e terrestre, estabelecendo trocas regulares com o sertão, localidades como as de Rio Pardo, e com o litoral baiano. Além do mais, comparada a Diamantina, os seus solos são mais propícios à prática agrícola e o seu relevo mais adequado à pecuária. Todavia, o fato histórico da descoberta das pedras no Tejuco fez de Diamantina o centro econômico da região, onde se concentraram as principais atividades econômicas. A região de Araçuaí tornar-seia uma área produtora e fornecedora de produtos agrícolas e pecuaristas, originando uma espécie de divisão intra-regional do trabalho. Desde então, Araçuaí passou a ter na agricultura a sua grande fonte de renda, devido à dependência e à escassez de mantimentos nas “Minas do Sul”, o que contribuiu para o enriquecimento de muitos de seus fazendeiros e comerciantes – os “novos ricos do sertão”, conforme os denominou JARDIM (1998:68)” (NUNES. 2001)

O texto em questão destaca a importância de Araçuaí como uma cidade potencialmente central no Vale do Jequitinhonha devido a suas características geográficas e agrícolas

favoráveis. A cidade possui uma posição central, uma rede hidrográfica propícia ao transporte bimodal (fluvial e terrestre), e solos adequados tanto para a agricultura quanto para a pecuária. Essas vantagens teriam feito de Araçuaí um polo regional se não fosse pela descoberta das pedras preciosas no Tejuco, que fez de Diamantina esse centro econômico do Vale. No entanto, Araçuaí acabou por se tornar uma importante área produtora de produtos agrícolas e pecuaristas, contribuindo para uma divisão intra-regional do trabalho. Essa divisão do trabalho estabeleceu Araçuaí como um centro agrícola vital para a região, com a agricultura como principal fonte de renda. A Feira de Agricultura Familiar de Araçuaí é, ainda hoje, um exemplo significativo desse desenvolvimento, funcionando como um núcleo de intercâmbio econômico e cultural. A feira não só proporciona uma diversidade de alimentos frescos e sazonais, essenciais para uma dieta saudável, mas também reforça a economia local e a agricultura familiar. A comercialização direta entre produtores e consumidores na feira promove a sustentabilidade da produção regional e preserva práticas agrícolas tradicionais.

A feira é, assim, um elemento imprescindível para a segurança alimentar, a sustentabilidade econômica e a coesão social de Araçuaí, refletindo a importância da cidade no contexto regional. A presença constante da feira na vida dos moradores e comerciantes, atravessando diferentes épocas e desafios, fortalece a identidade coletiva e a conexão com as raízes culturais do município, por exemplo com a partilha de conhecimentos tradicionais sobre cultivo, colheita e preparo de alimentos, transmitidos em sua maioria através da oralidade.

Zora Neale Hurston, antropóloga e artista norte-americana, valorizava a linguagem e a oralidade como veículos essenciais para compreender a cultura, utilizando o dialeto vernáculo afro-americano de forma autêntica na obra, capturando a cadência e o ritmo da fala dos personagens. Isso reflete suas observações detalhadas e participativas da linguagem e da comunicação nas comunidades afro-americanas. Nesse sentido, adentrando à obra “Seus Olhos Viam Deus”, a protagonista Janie Crawford é uma mulher que busca sua identidade e independência em uma sociedade patriarcal. A luta de Janie contra as expectativas de gênero reflete as observações de Hurston sobre as dinâmicas de poder entre homens e mulheres nas comunidades afro-americanas. A obra explora, a partir dessa perspectiva, as estruturas de poder dentro das comunidades afro-americanas, especialmente através dos personagens como Joe Starks, que se torna um líder em Eatonville. Hurston observou e documentou essas dinâmicas de poder durante seu

trabalho de campo. Concomitante a essas observações, a música e a dança desempenham um papel significativo na vida da comunidade, refletindo as observações de Hurston sobre a importância dessas práticas culturais na coesão e identidade comunitária. A narrativa de Hurston é imersiva e vívida, colocando o leitor diretamente nas cenas e situações. Isso reflete sua abordagem de se inserir nas comunidades que estudava, observando e participando ativamente da vida cotidiana.

Zora realizou, nessas pesquisas de campo no sul dos Estados Unidos e nas Bahamas, documentações sobre tradições, rituais e histórias que eram fundamentais para as comunidades afro-americanas, sempre se agenciando no contexto, de maneira que aquela participação se fizesse importante para a compreensão do que era documentado. Ela acreditava que as histórias, canções e tradições orais eram formas autênticas de expressão cultural e buscava capturar esses elementos em sua pesquisa. Sua abordagem etnográfica incluía a coleta de narrativas pessoais, canções, mitos e tradições transmitidas oralmente, para preservar e apresentar a riqueza da cultura afro-americana.

A partir dessa construção de contextos e posicionalidade (Abu-Lughod, 1991), no sentido do que produzimos e como somos produzidos pelo meio e pelas relações ao nosso redor, ao longo da minha jornada pela academia, fui construindo pesquisas e acessando espaços de produção de conhecimento, como as próprias disciplinas previstas na formação de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, como forma de tentar construir uma metodologia de pesquisa sobre minha área de interesse em culturas alimentares como construtos e construtores de subjetividade humana. A metodologia etnográfica proposta por Zora Neale Hurston que é caracterizada pela imersão na cultura estudada, pela participação ativa e pela valorização da oralidade como uma forma autêntica de expressão cultural, provocou em mim, a possibilidade de um fazer acadêmico que transita entre política, literatura, antropologia e cultura.

Como pesquisadora de culturas alimentares, vejo a feira de Araçuaí como um sistema onde os valores, crenças e hábitos alimentares da comunidade se manifestam e são preservados. O artigo, publicado na Revista “ReviVale Campus Araçuaí”, “Sábado, Dia de Feira em Araçuaí: vitrine da agrobiodiversidade do Médio Jequitinhonha” dos autores Aneuzimira Caldeira Souza, Wagner Silva dos Santos e Ângela Gomes Freire retrata como a feira de Araçuaí é mais do que um espaço de comércio; ela funciona como um ponto de encontro cultural e educacional que perpetua a identidade local. O artigo destaca

a feira como um “museu vivo” da agrobiodiversidade da região, onde uma rica variedade de produtos agrícolas e naturais é exposta e comercializada. A diversidade de produtos expostos na feira serve como um meio de preservação e transmissão de conhecimentos sobre práticas agrícolas tradicionais e o uso sustentável dos recursos naturais. Essa exposição permite que as novas gerações aprendam sobre a riqueza da biodiversidade local e a importância de suas práticas tradicionais. A feira é descrita como um espaço educativo onde as tradições e saberes locais são transmitidos. Os vendedores mais experientes compartilham suas histórias e conhecimentos com os visitantes, especialmente com os jovens, criando oportunidades de aprendizado informal. Esse processo de socialização ajuda a manter viva a cultura local e a valorizar as práticas e os produtos da região. O artigo também mostra que a feira serve como um ponto de encontro entre diferentes gerações. A interação entre mais velhos e mais jovens não só fortalece os laços comunitários, mas também permite que as novas gerações se conectem com suas raízes culturais e entendam a importância das tradições da feira. A convivência intergeracional na feira é um meio de perpetuar as práticas e os valores culturais da região. A feira é apresentada como um espaço crucial para a preservação da identidade cultural de Araçuaí e da região do Médio Jequitinhonha. O ambiente da feira, com suas práticas e produtos tradicionais, reforça a identidade local e oferece um espaço onde a cultura local pode ser vivida e experimentada de forma autêntica.

Dessa maneira, penso sobre essa importância de trazer nossas vivências e experiências cotidianas para essa construção de estudos acadêmicos, como uma forma de ir além de materializar essas culturas estudadas, mas também de possibilitar reivindicação dos direitos dos grupos pertencentes a ela. Na região do Vale do Jequitinhonha, são encontrados diversos povos e comunidades tradicionais que desempenham um papel significativo na preservação da cultura, da agrobiodiversidade e na sustentabilidade da região. Alguns dos principais povos e comunidades tradicionais presentes no Vale do Jequitinhonha incluem agricultores familiares, comunidades quilombolas, comunidades indígenas, artesãos e artistas locais. Quando penso sobre as Feiras de Agricultura Familiar de diversas cidades, penso sobre o direito de garantia do acesso à alimentação e como os atores ali, os agricultores, por exemplo, sistematizam mecanismos, talvez até de maneira terceirizada, como a acessibilidade financeira dos produtos que vendem, a segurança alimentar e os padrões de qualidade, ao mesmo passo que quando os mesmos atores passam por um sucateamento de direitos enquanto classe trabalhadora, toda essa cadeira

de garantia de direitos é impactada. Esse sucateamento é observado de diversas maneiras no exercício das políticas públicas, como a dificuldade de acesso, por ausência de transporte público de qualidade, ao centro urbano da cidade para a efetivação de suas vendas, ou mesmo a própria ausência de estrutura adequada para exposição dos produtos. Muitas feiras livres enfrentam problemas relacionados à infraestrutura precária, como falta de barracas adequadas, ausência de banheiros públicos, dificuldades de acesso e estacionamento, o que pode afetar tanto os feirantes quanto os consumidores. A falta de regularização e fiscalização adequadas pode ser um desafio nas feiras livres, resultando em questões como a venda de produtos sem procedência, falta de higiene, comercialização de produtos irregulares, entre outros problemas que afetam a segurança alimentar e a qualidade dos produtos oferecidos. Pensando nessas problemáticas, garantir a inclusão social de todos os feirantes, promover a equidade de gênero, raça e etnia, e assegurar condições justas de trabalho e renda para todos os envolvidos nas feiras livres são desafios importantes a serem enfrentados.

No documento “Feira de Araçuaí: Mercado Municipal e Feira Livre”, os autores abordam sobre processo de registro de bens imateriais na esfera municipal de Araçuaí, o documento apresenta informações sobre a feira de Araçuaí, destacando sua importância cultural e histórica. Tornar a Feira um patrimônio cultural significa reconhecer e valorizar a importância histórica, cultural, social e econômica desse evento para a comunidade local e para a identidade do município. O reconhecimento como patrimônio cultural contribui para preservar a identidade e a memória da comunidade, mantendo vivas as tradições, práticas e valores culturais associados ao evento.

O status de patrimônio cultural estimula e possibilita a preservação e a continuidade da Feira, garantindo que suas atividades e tradições sejam mantidas ao longo do tempo e transmitidas às futuras gerações. O processo de reconhecimento da memória patrimonial pode aumentar o engajamento da comunidade local em questões políticas e de governança, fortalecendo a participação cívica, bem como pode incentivar a criação e implementação de políticas de preservação e valorização cultural, reforçando a atuação dos gestores locais. Assim, a valorização da feira como patrimônio cultural contribui para o desenvolvimento sustentável da região, promovendo o turismo cultural, gerando empregos e fortalecendo a economia local. O reconhecimento oficial como patrimônio cultural proporciona uma proteção legal e institucional mais sólida, garantindo medidas de salvaguarda e apoio por parte das autoridades locais e órgãos responsáveis pela

preservação do patrimônio. O documento, que foi datado em 2020, apresenta uma contextualização da Feira de Araçuaí, descrevendo sua importância cultural, histórica e econômica para o município. São fornecidas informações sobre a localização, funcionamento, produtos comercializados e público frequentador da feira. São descritas as atividades e ações realizadas para salvaguardar os aspectos culturais da Feira de Araçuaí, visando sua valorização e continuidade. O documento aborda também o impacto da Feira de Araçuaí na economia local, na preservação de práticas tradicionais, na promoção da cultura regional e na integração social da comunidade. São apresentadas diretrizes e propostas para valorizar e garantir a continuidade da Feira de Araçuaí, incluindo investimentos financeiros, ações de educação patrimonial, aprovação de regimentos internos, entre outras medidas para incentivar a participação da comunidade e preservar a feira ao longo das gerações. O registro oficial de um bem imaterial, como uma feira tradicional, reconhece sua importância cultural e histórica para a comunidade. Esse reconhecimento é o primeiro passo para a sua salvaguarda e proteção contra ameaças de desaparecimento ou descaracterização.

Assim, o processo de registro envolve a realização de pesquisas, levantamentos e análises sobre o bem cultural em questão. Essa documentação técnica e histórica fornece informações detalhadas sobre a feira, suas tradições, práticas e significados, contribuindo para a compreensão e valorização do patrimônio. Ao registrar a Feira de Araçuaí como um bem imaterial, a comunidade e as autoridades locais reafirmam a importância da feira para a identidade cultural do município. O processo de registro envolve a participação ativa da comunidade, dos produtores, comerciantes e demais envolvidos na feira. Esse engajamento comunitário fortalece os vínculos sociais, estimula a colaboração e o diálogo entre os diferentes atores e promove a coesão social em torno do patrimônio cultural. Com o registro do bem imaterial, as autoridades municipais podem desenvolver políticas e ações específicas para a proteção e promoção da feira. Isso inclui a definição de diretrizes para sua gestão, conservação, divulgação e uso sustentável, garantindo sua continuidade e relevância para as gerações futuras. Dessa forma, o processo de registro de bens materiais na esfera municipal é essencial para a preservação e valorização dos patrimônios culturais, como a Feira de Araçuaí. Ao reconhecer e proteger esses bens, as comunidades locais e as autoridades garantem a perpetuação das tradições, a promoção da identidade cultural e o fortalecimento do patrimônio cultural como um todo.

A abordagem da governança participativa destaca a importância da colaboração entre esses diferentes atores, incluindo o governo, a sociedade civil e o setor privado, na gestão de assuntos públicos. Na Feira de Araçuaí, a interação entre os feirantes, a administração municipal e a comunidade local, exemplifica um modelo de governança participativa, onde os interesses e necessidades de todos os envolvidos são considerados na tomada de decisões e na definição de políticas para o desenvolvimento da feira. Robert Putnam, em sua obra "Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community" e outros trabalhos, destaca a importância do capital social — entendido como redes de confiança, normas de reciprocidade e participação cívica — na construção de comunidades resilientes e democráticas. A Feira de Araçuaí pode ser analisada à luz das ideias de Putnam como um sistema político que se beneficia da governança participativa e da colaboração entre diferentes atores. Putnam argumenta que a confiança e a cooperação são fundamentais para a criação de capital social. Ele afirma que "trust and reciprocity are crucial elements of social capital" (Putnam, 1993). Na Feira de Araçuaí, a confiança entre produtores, comerciantes e consumidores é essencial para o funcionamento eficiente e sustentável do mercado. A confiança facilita transações, reduz custos de monitoramento e promove um ambiente de cooperação mútua. Essas características não apenas fortalecem a feira como uma instituição econômica, mas também promovem a resiliência, a coesão social e a democracia na comunidade local.

Além disso, é possível associar o trabalho de Charles Tilly, sociólogo político que teve contato ao longo da minha graduação nas disciplinas de “Ativismo político e mudança social” e “Linguagem e Poder”, à pesquisa sobre a Feira de Araçuaí como um sistema político, especialmente considerando sua abordagem sobre a formação e transformação das instituições políticas ao longo do tempo. Ao aplicar as ideias de Charles Tilly à pesquisa sobre a Feira de Araçuaí, é possível analisar como as relações de poder, as estruturas institucionais e as práticas políticas se desenvolveram ao longo da história da feira. Tilly enfatizava a importância de investigar as origens e evolução das instituições políticas, bem como as estratégias e táticas utilizadas pelos atores políticos para alcançar seus objetivos. Por exemplo, ao estudar a história da Feira de Araçuaí desde suas origens como um entreposto comercial até sua configuração atual, é possível aplicar a abordagem de Tilly para analisar como as relações de poder se estabeleceram, como as regras e normas foram criadas e como os atores políticos negociam e disputam recursos e influência ao longo do tempo. A criação de normas e regras na Feira de Araçuaí

exemplifica o conceito de Tilly de que tais estruturas emergem através de um processo contínuo de negociação e conflito. A feira, como um microcosmo social, é composta por diversos atores com interesses diferentes — produtores, comerciantes, consumidores e autoridades locais. Cada grupo busca maximizar seus benefícios, o que inevitavelmente leva a conflitos. "Normas e regras emergem de um processo contínuo de negociação e conflito entre vários grupos com interesses concorrentes." (Tilly, 1998). Quando surgem disputas, as partes envolvidas precisam negociar e chegar a compromissos que refletem o equilíbrio de poder e os interesses em jogo, resultando em normas que regulam as interações futuras. Além disso, a análise da Feira de Araçuaí à luz do conceito de "repertórios de ação" de Tilly pode ajudar a compreender as práticas políticas cotidianas dos feirantes, frequentadores e gestores da feira, bem como as estratégias utilizadas para lidar com conflitos, estabelecer alianças e promover mudanças dentro desse sistema político informal. Dessa forma, ao incorporar as contribuições teóricas de Charles Tilly à pesquisa sobre a Feira de Araçuaí, é possível enriquecer a análise das dinâmicas políticas, sociais e culturais presentes nesse contexto específico, oferecendo insights valiosos sobre a natureza e a evolução deste importante patrimônio cultural enquanto construtor de saberes críticos em contextos de lutas por direitos.

Ademais, as relações sociais, econômicas e políticas na Feira de Araçuaí se desenvolvem de maneira interconectada, refletindo a complexidade e a dinâmica desse espaço cultural e comercial. Nesse viés, a Feira de Araçuaí promove relações de solidariedade, ajuda mútua e reciprocidade entre os feirantes, frequentadores e moradores locais. Essas relações sociais são fundamentais para a construção de um senso de comunidade e pertencimento. A feira é um espaço de encontro e interação entre pessoas de diferentes origens sociais, culturais e econômicas, contribuindo para a integração social e a construção de identidades coletivas. Além das trocas materiais, a feira também promove trocas simbólicas que fortalecem os laços sociais e culturais entre os participantes, contribuindo para a preservação da memória e da identidade local. Esse espaço funciona como um importante mercado local e regional, onde são comercializados produtos agrícolas, artesanato, alimentos e outros itens de consumo. Essa atividade econômica sustenta muitas famílias e contribui para a economia da região. As relações econômicas na feira envolvem a formação de redes de comércio e parcerias entre os feirantes, produtores rurais e consumidores, criando um ecossistema econômico dinâmico e interdependente. Para muitos feirantes, a participação na feira representa uma fonte

importante de renda e sustento, sendo essencial para a subsistência de muitas famílias. Assim, a gestão da feira envolve a participação ativa dos feirantes, moradores e autoridades locais, configurando um modelo de governança participativa que promove a colaboração e o diálogo entre os diferentes atores envolvidos. As relações políticas na feira incluem a negociação de interesses, a resolução de conflitos e a tomada de decisões coletivas sobre questões relacionadas à organização, infraestrutura e regulamentação do espaço. A feira reconhecida como um patrimônio cultural municipal, implica ações de preservação, valorização e promoção por parte das autoridades locais e da comunidade, demonstrando a importância política atribuída a esse espaço. Essas relações sociais, econômicas e políticas na Feira de Araçuaí se entrelaçam e se influenciam mutuamente, contribuindo para a vitalidade e a relevância desse importante espaço cultural e comercial na região. A Teoria da Estruturação de Giddens enfatiza a interação entre a estrutura social e as ações individuais, destacando como as práticas sociais são moldadas por estruturas institucionais e, ao mesmo tempo, contribuem para reproduzi-las ou transformá-las. Outra abordagem possível e interessante de se discutir é a Teoria da Ação Coletiva (Mancur Olson) que examina como os indivíduos se organizam para alcançar objetivos comuns, considerando os incentivos, os custos e os benefícios da participação em ações coletivas. Essa teoria pode ser relevante para analisar as relações políticas na feira, especialmente no que diz respeito à governança participativa, à negociação de interesses e à tomada de decisões coletivas.

Essas teorias das ciências sociais oferecem ferramentas conceituais e analíticas para compreender as relações sociais, econômicas e políticas na Feira de Araçuaí, permitindo uma análise mais aprofundada e contextualizada da dinâmica desse espaço cultural e comercial. Em Ciência Política, um espaço cultural e comercial pode ser entendido como um ambiente físico ou virtual onde interações sociais, econômicas e políticas ocorrem, influenciando e sendo influenciadas por questões culturais, comerciais e políticas. Habermas, um filósofo e sociólogo alemão, é conhecido por sua teoria da esfera pública. "A esfera pública é um domínio da nossa vida social onde algo que se aproxima da opinião pública pode ser formado. O acesso é garantido a todos os cidadãos." ("The Structural Transformation of the Public Sphere", 1962). Ele descreve a esfera pública como um espaço onde os indivíduos podem se reunir para discutir e identificar problemas sociais, influenciando a ação política. Este conceito pode ser aplicado a espaços culturais e comerciais, onde as interações entre diferentes atores (comerciantes, consumidores,

autoridades locais) refletem e influenciam questões culturais, comerciais e políticas. Esse espaço pode ser um mercado, uma feira, uma zona comercial, entre outros locais onde atividades econômicas e culturais se entrelaçam e onde relações de poder e governança também estão presentes. Hannah Arendt também explorou a importância da esfera pública e do espaço político para a democracia. Sua análise da ação política e da participação cidadã pode ser relevante para compreender como os espaços culturais e comerciais podem ser arenas de debate, contestação e negociação política. Para Arendt, a ação política só é possível em um contexto de pluralidade, onde diferentes vozes e perspectivas podem interagir. A Feira de Araçuaí, como um espaço cultural e comercial, oferece essa pluralidade, reunindo diversos atores sociais (produtores, comerciantes, consumidores) que interagem e negociam continuamente.

A Feira de Araçuaí atua na provisão de alimentos básicos para a população local, contribuindo significativamente para a segurança alimentar e a nutrição da comunidade. Através da comercialização de uma variedade de produtos alimentícios frescos e tradicionais, a feira atende às necessidades nutricionais e culturais dos moradores de Araçuaí. Assim, esse sistema oferece uma ampla gama de produtos alimentícios básicos, como frutas, verduras, legumes, cereais, carnes, laticínios, entre outros. Essa diversidade de alimentos frescos e sazonais permite que os moradores tenham acesso a uma alimentação equilibrada e variada, essencial para uma dieta saudável. Muitos dos alimentos vendidos na feira são produzidos localmente ou regionalmente, o que promove a economia local e valoriza a agricultura familiar. Essa conexão direta entre produtores e consumidores contribui para a sustentabilidade da produção de alimentos na região e para a preservação de práticas agrícolas tradicionais. Putnam afirma que "the performance of social institutions depends on the cooperation and participation of their members" (Putnam, 1993). Na Feira de Araçuaí, a governança participativa pode ser observada na forma como produtores, comerciantes e consumidores trabalham juntos para manter e melhorar o mercado. A tomada de decisões compartilhadas e a responsabilidade coletiva são elementos chave que promovem a resiliência e a sustentabilidade da feira. A Feira de Araçuaí também é um espaço onde são comercializados alimentos tradicionais e típicos da região, que fazem parte da identidade cultural e gastronômica da comunidade. Esses alimentos não apenas alimentam o corpo, mas também alimentam a memória e as tradições locais, fortalecendo os laços com a história e a cultura da região.

As feiras de agricultura familiar, como a de Araçuaí, são fundamentais para a coesão social. Elas funcionam como pontos de encontro onde os moradores se conectam, trocam informações e mantêm vivas as suas tradições culturais. O documento sobre processo de registro de bens imateriais na esfera municipal de Araçuaí inclui entrevistas com vendedores veteranos que atestam como a feira evoluiu e se manteve como um espaço de troca cultural e social ao longo dos anos. A alimentação vai além de uma necessidade física; é um componente crucial na construção da identidade cultural. Analisando-a sob a perspectiva da antropologia e da alimentação, percebemos como a feira se configura como um local onde se desenvolvem práticas de resistência e se fortalecem identidades culturais em resposta aos desafios contemporâneos. As feiras de agricultura familiar são espaços onde o conhecimento tradicional é passado de geração em geração. Estes saberes são fundamentais para a sustentabilidade e a resiliência das comunidades rurais. O documento menciona como a feira de Araçuaí é um repositório de conhecimento tradicional, onde os agricultores compartilham técnicas de cultivo, conservação de sementes e práticas agroecológicas. Este compartilhamento não apenas preserva a biodiversidade, mas também promove uma consciência crítica sobre a importância da agricultura sustentável. A feira de Araçuaí serve como palco para a luta por direitos, especialmente no contexto da justiça alimentar. Acesso à alimentação saudável, direito à terra e valorização do trabalho agrícola são temas centrais discutidos e reivindicados nas feiras. As entrevistas presentes no documento revelam como os agricultores utilizam a feira como um espaço de resistência contra políticas que ameaçam suas tradições e modos de vida. Essa resistência é essencial para garantir que os direitos dos pequenos agricultores sejam respeitados e que suas vozes sejam ouvidas nas decisões políticas.

Referências Bibliográficas:

ABU-LUGHOD, Lila (1991). Writing against Culture. En FOX, R. (ed.) Recapturing Anthropology. pp. 137-162. Santa Fe: School of American Research.

ALTIERI, M. A., & Toledo, V. M. (2011). The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *Journal of Peasant Studies*, 38(3), 587-612.

AZEVEDO, Elaine de. Comer: ato político. *Piseagrama*, Belo Horizonte, seção extra!, 17 abr. 2019.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2013). *Agricultura Familiar no Brasil: notas sobre a construção de uma política pública*. Brasília, DF: MDS.

CALDEIRA SOUZA, A., Silva dos Santos, W., & Gomes Freire, Â. (2023). “Sábado, Dia de Feira em Araçuaí: vitrine da agrobiodiversidade do Médio Jequitinhonha”. *Revista “ReviVale Campus Araçuaí*.

DIAS, J; CHIFFOLEAU, M; SCHOTTZ, V. Comida: esse diálogo sem palavras. *Revista Ad- vir/ Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. n. 34 (dez. 2015). Rio de Janeiro: Asduerj, 2015. Disponível em: <http://twixar.me/0XSK>. Acesso em: 5 jan. 2019.

CARNEIRO, M. J., & Santos, M. A. (2018). A Agricultura Familiar e as Feiras Agroecológicas: O Caso do Município de Taquara (RS). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56(2), 303-320.

DUFLO, E., Glennerster, R., & Kremer, M. (2008). Using randomization in development economics research: a toolkit. *Handbook of Development Economics*, 4, 3895-3962.

Feira de Araçuaí: Mercado Municipal e Feira Livre. (2020). Documento sobre a Feira de Araçuaí: Mercado Municipal e Feira Livre. [PDF]. Araçuaí.

GLIESSMAN, S. R. (2015). *Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems*. CRC Press.

GUIMARÃES, ALISSON P. Vale do Médio Jequitinhonha. Estudo Geográfico do Vale do Médio Jequitinhonha. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1960. p. 316.

HURSTON, Zora Neale. *Mules and Men*. Bloomington: Indiana University Press, 1978. (Originalmente publicado em 1935).

HURSTON, Zora Neale. O que os editores brancos não publicarão.

HURSTON, Zora Neale. *Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica*. New York: Harper Perennial Modern Classics, 1990. (Originalmente publicado em 1938).

LEITE, M. A., de Araújo, E. C. D., & dos Santos, R. A. (2016). Agricultura Familiar e Feiras Livres: Potencialidades e Desafios para o Desenvolvimento Rural. *Desenvolvimento em Questão*, 14(35), 168-202.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The Raw and the Cooked*. New York: Harper & Row, 1969.

MATOS, R; NOGUEIRA, M. (Coord.). Vale do Jequitinhonha: história e geo-história. Belo Horizonte, v.1, n.2, 83p. Laboratório de Estudos Territoriais – Leste: IGC/UFMG, 2000. Semestral.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011. 160 p. 15. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO).

NASCIMENTO, Luana Rodrigues. “Na comida de minha vó, um encontro ancestral: reflexões etnoarqueológicas acerca do preparo do quiabo enquanto um mediador de relações afrodiáspóricas”.

NUNES, M. A. Estruturação e Reestruturações Territoriais da Região do Jequitinhonha em Minas Gerais. 2001. 206 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Organização Humana do Espaço) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

RIBEIRO, E. M et al. Agricultura Familiar e programas de desenvolvimento rural no Alto Jequitinhonha. *Revistas Estudos Regionais (RER)*, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 04, 2007, p. 1075-1102.

RIBEIRO, E. M; GALIZONI, F. M. Quatro histórias de terras perdidas: modernização agrária e privatização de campos comuns em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v.9, n.2, p.115–129, Novembro, 2007. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/185/169>>.

RIGOTTO, R. M., Augusto, L. G. S., & Friedrich, K. (2014). Agricultura, agrotóxicos e saúde: contribuições para uma agenda de pesquisa. *Cien Saude Colet*, 19(12), 3941-3950.

RODRIGUES, R. N (Org.). Desenvolvimento regional e inserção da mulher em atividades produtivas no Alto Jequitinhonha. Belo Horizonte, Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, 2000.

SANTOS, M. M. dos, & Vilas Bôas, G. K. (2018). Agricultura Familiar e Feiras Agroecológicas: Um Estudo sobre a Comercialização Direta na Região de Viçosa-MG. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56(2), 307-324.

SOUZA, J. V. A. Introdução. In: SOUZA, J. V. A; HENRIQUES, M. S. (Org). Vale do Jequitinhonha: formação histórica, população e movimentos. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão; Polo Jequitinhonha UFMG, 2010. p. 11-23.

VALE, A. S., & Magro, A. M. (2013). Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 15(3), 398-411.

VALE, R. S. Agrossilvicultura com eucalipto como alternativa para o desenvolvimento sustentável da Zona da Mata de Minas Gerais . 2004. 101 f. Tese (Doutorado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa- MG, 2004.

ZHOURI, A; ZUCARELLI, M. C. Visões da resistência: conflitos ambientais no Vale do Jequitinhonha. In: SOUZA, J. V. A; HENRIQUES, M. S. (Org). Vale do Jequitinhonha: formação histórica, população e movimentos. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão; Polo Jequitinhonha UFMG, 2010. p. 209-236.